

# DESCOLONIZAÇÃO MENTAL COMO DESAFIO DOS AFRICANOS PARA DESENVOLVIMENTO DA ÁFRICA: UMA ANÁLISE SOCIOPOLÍTICO E CULTURAL SOBRE DESENVOLVIMENTO DA ÁFRICA E A SUA RELAÇÃO COM O MUNDO GLOBALIZADO

Anéximandra da Silva<sup>1</sup>

Ricardo Ossagô de carvalho<sup>2</sup>

## RESUMO

O presente trabalho visa abordar a questão da herança colonial no pensamento africano o que denominamos de colonização mental e os seus impactos no desenvolvimento da África. Portanto, busca-se apresentar e problematizar o comportamento dos africanos no período de pós-colonização, como também propomos descrever as políticas internacionais que são indicadas para o continente. Sendo assim, apontamos para os traços da colonização que ainda continua perseguindo o ser e estar africano no continente e que vimos como barreira para o desenvolvimento da África. O que se pode perceber é que, isso tem implicação negativa na projeção imagética do continente com relação ao projeto de desenvolvimento e de ser visto como potência no mundo fora. É inegável que foi as políticas neoliberais e neocoloniais (instituição de Bretton Woods) que constituíram o principal obstáculo para o desenvolvimento africano. Ou seja, infere-se que as políticas internacionais não se preocuparam com o ser africano dentro do processo de globalização. É nesse sentido que a África deve tomar o seu lugar de ser protagonista em resolução de seu próprio problema. Isso implica uma urgência em endereçar ou trabalhar os problemas endógenos naquele continente. Portanto, apontamos para atores sociais como pontos chaves para trabalhar o desenvolvimento da África, isso inclui acadêmicos, políticos, a própria família africana enfim, toda a sociedade africana. O trabalho é produzido na base da pesquisa bibliográfica sobre estudos africanos e não só.

**PALAVRAS-CHAVE:** Descolonização mental; Neocolonialismo; Globalização; Desenvolvimento para África e para os africanos;

## ABSTRACT

The present work aims to address the question of colonial heritage in African people, specially about what we call mental colonization and its impacts on the continent's development as well as it seeks to present and problematize the behavior of Africans in the post-colonization period and the policies that were indicated for African countries.

We find out that the traces of colonization still continues to pursue the African being and living, indeed it still be a barrier to the Africa's development, it reduces its credibility by preventing Africa from being seen as a power in the outside world. Concerning development aspects, we conclude that it was the neocolonial policies especially the one of Bretton Woods institutions in 90s that constituted the fundamental obstacle for African under-development. In other words, international policies are not concerned with the African being within globalization process therefore, we realize that this is a problem that must be solved by Africans. This means that Africans should start working on their endogenous problems. We see social actors as a key point to work on the development of Africa, such as academics, politicians, the African family itself, in short, the entire African society. The work is produced on the basis of bibliographical research on African studies and beyond.

**Keywords:** Mental decolonization; Neocolonialism; Globalization; African Development

---

<sup>1</sup> Graduada em Humanidades e licenciada em sociologia pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

<sup>2</sup> Orientador: Professor Dr. Da Universidade da Integração Internacional da lusofonia Afro-Brasileira UNILAB

## 1- INTRODUÇÃO

Atualmente não se pode falar do problema de avanços e retrocesso em África e deixar de lado o processo histórico da colonização e os seus impactos, ou seja, das suas consequências, principalmente nos Países da África que foram vítimas da colonização até os meados do sec. XX. No entanto, o que se propõe aqui é, analisar os impactos das heranças coloniais no comportamento e no pensamento dos africanos, seja ela reproduzida conscientemente ou inconscientemente e como este tem refletido nos avanços/retrocesso das sociedades africanas, assim como, descrever e analisar as políticas neocoloniais de modelo do desenvolvimento implementado no continente africano depois das lutas de libertação.

O desenvolvimento desse trabalho será norteado por seguintes indagações, é possível falar da descolonização mental em África, até que ponto pode-se afirmar que o continente africano é “independente” sabendo que as suas ações dependem do apadrinhamento das antigas potências colônias? Também apontamos o seguinte, é possível alcançar o desenvolvimento de um país ou continente através da cultura ou civilização de outros países? É possível falar de fuga de cérebro por parte dos africanos no mundo globalizado?

A proposta do trabalho parece ser um ensaio de caráter macrossociológica, onde não caberia no formato de um artigo, mas o que se almeja é provocar reflexão dentro do campo da sociologia africana, afim de problematizar algumas questões que ainda podemos considerar como problema nos países africanos das quais passaram pelo processo da colonização.

Esse trabalho foi motivado pelas leituras sobre estudos africanos que abrange diversas temáticas, onde abordaremos um pouco de cada problema, como a questão social, cultural, política, econômica entre outras, na qual permite uma reflexão micro sociológica de cada problemática das sociedades africanas antes, assim como, com a colonização e pós-colonização.

Por outro lado, a razão pelo qual insisto nessa temática foram as reflexões motivadas nas aulas de sociologia africana I e II ofertada no curso de sociologia da UNILAB, onde nos permite olhar os problemas das sociedades africanos de uma forma abrangente, problematiza-la e tentar sugerir supostas soluções.

O artigo será desenhado de seguinte forma, no primeiro momento vamos abordar a questão das heranças coloniais que ainda reflete no ser e fazer africano e no segundo momento propomos descrever as políticas neocolônias do desenvolvimento para África e as suas consequências para esse continente e para próprios africanos.

Por último, vamos trazer algumas considerações e espera-se que possa contribuir em motivar as reflexões sobre repensar as políticas públicas em África que possa espelhar o que realmente os africanos precisam. Enfim, esperamos que os leitores façam um bom aproveitamento e que possam abrir outros horizontes da discussão.

## **2 - O HOMEM AFRICANO E AS MARCAS DA COLONIZAÇÃO**

Falar da colonização e as suas consequências não será boa opção para quem pretende se mergulhar no mundo moderno e globalizado, na qual é controlado pelas antigas potências colônias onde tudo indica que levantar essa questão exige muita coragem e desafios a enfrentar, ainda mais com o desafio de enfrentar o modelo de academia universal que a sua maioria espelha a realidade Europeia.

Sendo assim, podemos perceber que muitos teóricos africanos já vêm enfrentando essa problemática. Por isso, nos propõe o desafio de falar da pós-colonização com relação ao desenvolvimento do Homem africanos para esse continente, onde vamos repisar um pouco sobre o que entendemos sobre a colonização, assim como, buscamos analisar a participação do africano no projeto de globalização.

Portanto, vale ressaltar que analisar os efeitos da colonização parece-nos uma temática antiga diante dos desafios da modernidade e para algumas pessoas não faz sentido voltar a repisar sempre nesse ponto, mas insistimos nessa temática porque ainda percebemos que é um tema que precisa ser discutida a fim de desmistificar algumas coisas que parece não deve ser mais preocupação dos africanos, porém isso continua trazer consequências de problemas que as vezes nem se quer conseguem imaginar como resolver. Sendo assim, vimos que não se pode alcançar o desenvolvimento da África sem ter um projeto que visa fazer o trabalho de base, isto é, combater as heranças coloniais que ainda persegue a mente africana. No entanto, propomos analisar aqui as heranças colônias que podem ser vistas no reflexo do Homem africano e que muitas vezes é vista como barreiras que impede a sua emancipação no mundo globalizado.

Compreendemos que a colonização já fez parte da história da África e dos homens e das mulheres africanas e essa é a realidade histórica que não se pode negar, é um fato histórico com marcas muito forte, como cruzamento da história da África e da Europa e dos homens e mulheres africanos com os europeus que ambas as situações deixarem frutos e umas delas que vimos como perigo é a colonização mental e podemos entender a colonização mental como por exemplo, um africano que valoriza a civilização externa e que recusa as realidades locais, ou a que não se identifica com a realidade africana, com isso, partimos desse questionamento, como um africano pode contribuir para o desenvolvimento da África e as suas visões o seu olhar é voltado para de fora da África, ou seja, um projeto pensado dessa forma não espelha a realidade África e não vai se encaixar nessa sociedade.

Diante de tudo isso, podemos iniciar a nossa abordagem trazendo um pouco da história de quais eram os propósitos dos colonos europeus<sup>3</sup> e como este conseguiu conquistar as sociedades africanas e em que se baseia as suas relações até os dias atuais.

Assim, podemos dizer que, diante dos relatos históricos de relação da Europa com outros continentes parte do projeto da política de expansão civilizatório ocidental depois de alguns navegante chegarem as outras partes da terra que tinham outras pessoas, mas os traí mais são os recursos que encontram nesses territórios e atraí as suas ambições, e para que consigam permanecer nesses territórios os europeus pensaram num projeto a que podemos chamar chamaram de “expansão civilizatório” e que tem proposito de ser implementado em todas as sociedades não europeia e essa expansão tinha intensão de explorar as riquezas das “terras alheias” como dizem, assim como, tornar Europa o único império, tudo isso fazia parte do objetivo magna dos europeus no processo da colonização e o que esconde atrás disso era a exploração dos seres humanos e dos recursos naturais.

A análise dessas questões sempre merece atenção dos teóricos sociais africanos e não só, na qual apresentam as intenções dos colonizadores desde época colonial e assim como, os seus projetos pós-coloniais, principalmente com relação a colonização em África que é o nosso foco. Percebemos que as problematizações levantadas por cientistas sociais e ativistas sociais tinham proposito de impulsionar a reflexão profunda sobre as consequências da colonização para os africanos, para que refletem sobre problemas da

---

<sup>3</sup> Se refere aos colonizadores europeus que se apropriam das terras dos outros como propriedades privada e por direito, assim como, as pessoas destes locais. Vale ressaltar, que nem todos os europeus que estiveram na época de colonização nas terras invadidas são colonizadores, porém há também os que foram lá a trabalhar como simples trabalhadores remunerados e são tratados diferentes dos escravizados.

África a partir de dentro e procurar supostas soluções que vai beneficiá-los, assim como, aponta Adesina (2012) para questão da endogeneidade como solução para lidar com problemáticas africanas dentro da academia africana.

No entanto, pode-se dizer que a endogeneidade não significa negar tudo que a colonização deixou e voltar a viver como homens africanos antes da colonização (ao pé da letra). Do nosso ponto de vista, se compreendemos essa questão dessa forma os africanos podem correr risco de ficar fora da globalização e como se sabe, desde antiguidade os primeiros homens tinham a cultura de transitar de um lugar para outro de acordo com a necessidade de cada um ou de cada grupo. E isso deu resultado da imigração de Homem e até hoje podemos constatar esse espírito dos seres humanos. Assim também, podemos compreender que, a rede da globalização deve ser um espaço onde todos podem se movimentar.

Sendo assim, vale ressaltar, que povos africanos já conviviam com espírito de mudança, de acordo com as suas necessidades, podemos considerar que estes tinham tudo para desenvolver as suas capacidades de transformar os seus modos de viver sem precisar da “mão invisível”, ou seja, não precisam de outra civilização para lhes impor os modos de ser e fazer, a que recusa que os africanos não são civilizados. A final, o que é a civilização, pelo que podemos perceber durante o período histórico da colonização a civilização parte de um povo específico e outros povos devem seguir a regra do jogo.

Pois acreditamos que, não podemos continuar a aceitar essa teoria e sabemos que foi refutado a muito tempo, mas continuamos vendo isso na prática, onde próprios africanos continuam rejeitando suas civilizações e refugiar para outras civilizações com pretextos de querer se modernizar e esqueçam que a modernidade que são postas a eles está muito acelerado e para alcança-la estão a deixar coisas básicas das suas realidades que são fundamentais para suas próprias modernidades. Voltando para a questão da civilização, pode-se perceber que os africanos já tinham as suas bases de organizações social e cultural, assim como, se organizavam politicamente e tinham suas bases científica e religiosa, dá para entender que tinham as suas estruturas sociais e já tinham despertado a curiosidade de entender o mundo e dar significado as suas existências. Mesmo assim, ainda continuam a negar existência da civilização africana.

Diante de tudo isso, podemos constatar que próprios africanos é que devem tomar consciência de que são indivíduos que fazem parte da transformação do mundo e que continuar a firmar os seus lugares como são dentro desse processo de evolução do mundo e é importante frisar que não vão conseguir atingir onde almejam se continuarem a

esconder por de traz da máscara da outra civilização. Vale ressaltar que na época em que os europeus invadiram a África, pode perceber que as memórias/histórias são preservadas e transmitido/contada a partir da oralidade, mesmo assim, podemos afirmar que a escrita vem da oralidade e estes estão ligadas uma da outra – Oral e Escrita.

Assim, podemos perceber a partir da narrativa de Hampaté Bá (2010), onde explica, que a África tinha suas histórias e este é transmitido em forma de oralidade e quando se fala da história africana tem de se respeitar a oralidade, porém é a base que a sustenta. Assim descreve Hampaté Bá (2010) sobre a importância da oralidade para sociedade africana,

quando falamos de tradição em relação à história africana, referimo-nos à tradição oral, e nenhuma tentativa de penetrar a história e o espírito dos povos africanos terá validade a menos que se apoie nessa herança de conhecimentos de toda espécie, pacientemente transmitidos de boca a ouvido, de mestre a discípulo, ao longo dos séculos. Essa herança ainda não se perdeu e reside na memória da última geração de grandes depositários, de quem se pode dizer são a memória viva da África (HAMPATÉ BA, 2010, p.167).

Entretanto, diante dessa abordagem podemos refletir que nem só a sociedade africana que passou por esse processo e se vejamos a história de aparecimento da escrita vamos perceber que o poder da fala é que parecia primeiro, pois os seres Humanos aprendem primeiro a falar e a escrita é uma prática que se aprende depois, por isso os africanos devem se orgulhar do poder da fala e devem preservar essa dádiva. Por outro lado, autor chama atenção para a responsabilidade que as últimas gerações dos africanos de serem guardiões da “memória viva”. Compreende-se que a partir da memória viva que se pode entender as histórias africanas de gerações em gerações para que possam compreender porque que as coisas acontecem de certas formas e como podem se desenvolver a partir das próprias realidades.

Assim, podemos entender que as memórias vivas são as histórias que são contadas para preservar a memória que sustenta um grupo ou geração e essas memórias é que vai responder os questionamentos que podem abrir o caminho para o futuro e que sustenta o presente. Mas, será que as últimas gerações estão a conseguir cumprir com as suas obrigações e estão preparados para receber as memórias vivas e dar continuidade a esse trabalho de gerações diante dos desafios da modernidade acelerada.

Com essa indagações, percebemos que a necessidade de sociedade africana trabalhar a questão da endogeneidade, que pode auxiliar na questão da compreensão da oralidade, assim como frisa Adesina (2012), onde podemos entender a endogeneidade como uma forma de africanos conhecerem as suas histórias e preservar essa identidade,

assim como, suas civilizações, isso pode acontecer por meio da oralidade em diálogo com a escrita e o primeiro alvo deveria ser os africanos para que possam compreender os seus raízes e compreender como devem se posicionar diante dos desafios do mundo.

Isso seria relevante, pois vai permitir que não aconteça algumas situações que costumam ser repetitivo da qual os africanos são generalizados em casos que as vezes é necessário especifica-los, isso implica que, os africanos devem trabalhar a difusão das suas culturas e valoriza-la dentro do continente, assim como fora de acordo com as suas especificidades.

Ao conhecer as suas raízes isso vai permitir os africanos a ter noção de projeto de desenvolvimento de acordo com as suas realidades e saber como devem se relacionar com as demais civilizações, e sabemos que desde antiguidade há relações entre diferentes povos e não podemos fugir dessa realidade, mas o que se propõe é que haja uma relação saudável desde que nenhuma cultura sobreponha a outra como acontece nos tempos da colonização. Nesse caso, a academia pode ser muito útil para desenvolvimento desse trabalho, assim como a arte, a fim de compartilhar estas produções entre os africanos e também partilhar para outros povos.

Sendo assim, Adesina (2012, p196) ressalta que, “a endogeneidade exige que tratemos os dados etnográficos locais não simplesmente como temas de narrativas acadêmicas, mas que exploremos a extensão na qual eles estimulem categoricamente percepções epistêmicas ou levem a rupturas epistêmicas”. Nesse caso, podemos dizer que autor propõe mudança epistemológica no que se refere aos estudos africanos e isso deve ser o desafio dos acadêmicos africanos para que possam contribuir em desenhar o caminho para futuras gerações das sociedades africanas. Vimos que a proposta de Adesina é importante, porém pode-se constatar que alguns países africanos ainda trabalham a educação escolar com base nas referências ocidentais, por isso é que optamos pela ideia do autor de fazer as “as rupturas epistêmicas” de compreender os fatos endógenos das sociedades africanas além da academia, mas, tentar entender o seu valor para esse povo, assim podem trabalhar a própria cultura.

Contudo, acredita-se que se esse entendimento conquistou a academia africana, isso poderá causar o impacto nas sociedades africanas, através da conscientização da sociedade em diferentes meios de comunicação e de entretenimento, da qual pode minimizar o que podemos denominar da colonização mental. Assim entendemos que a colonização mental significa que, consiste em construir Homem africano que não pensa ou apresenta como o tal, isso deu-se início graças as opressões de colonialismo, este

projeto trabalhou muito na questão de implementar de medo na mente dos africanos, medo de se apresentarem como donos dos seus próprios pensamentos e dos seus destinos, ou seja, donos de se mesmos e isso deu fruto o complexo de inferioridade.

Os complexos de inferioridade alimentada pela religião católica na época, através da lavagem cerebral por meio da “catequese”, isto é, um processo de preparação dos fies que precisam de ser salvos para conhecem as leis e modos de se comportar quando foram fies cristão.

E podemos dizer que base de problemas africanas com relação ao processo de colonização está acentuado no medo e isso deu resultados durante muitos séculos e os africanos ainda continuam a conviver com essas sequelas. Porém, sofrem a pressão dos seus senhores/donos e por outro lado, a igreja.

Por isso, optamos por trazer a proposta repensar “o desenvolvimento da África para os africanos” como ressalta Huntundji (2008). A partir dessa lógica podemos apontar para algumas questões que servem como barreiras que podem ser pensadas como pontos que impedem o desenvolvimento da África para os africanos e que vem sendo discutido no campo dos conhecimentos africano. Assim reflete Huntundji (2008) sobre diferentes categorias que devem merecer atenção dos pesquisadores da África no campo das ciências sociais quando se refere aos estudos africanos.

No entanto, autor aponta para questão das línguas estrangeiras em que são produzidos os conhecimentos africanos e como são distribuídos esses conhecimentos e as formas de fazer pesquisas, com tudo isso, autor busca mostrar como os africanos se enquadram dentro do desafio da modernidade, que as vezes compreendemos que o pensamento africanos é anulado dentro desse processo, podemos constar isso nas publicações dos trabalhos acadêmicos, livros que dantes os autores africanos são obrigados a mudarem os conceitos nativos do que se retrata o livro ou uma palavra que os acadêmico ocidental desconhece, lamenta Huntundji (2008).

Ou seja, tudo que ocidente desconhece dentro da ciência isso não é ciência e deve ser eliminada, isso mostra que se o pensamento dos africanos não faz parte da ciência e não pode ser divulgada é mesma coisa dizer que os africanos não fazem parte desse mundo moderno. Portanto, o que se deve fazer diante dessa problemática, é que os africanos devem tomar a rédeas das ações sem esperar aprovações dos outros que desconhecem das suas realidades. É importante apontar que algumas sociedades africanas já estão a trabalhar nessa questão e enquanto que as maiorias ainda não encontraram os seus rumos. O que propõe é a união entre as nações africanas.



No caso da língua, autor mostra que, produção de conhecimento africano e sobre a África são norteadas pelas línguas estrangeiras onde acaba criando muitas barreiras em termo de transmissão e compreensão desses conhecimentos produzidos dentro, assim como fora da África. Porém, o que se pesa mais nesse caso, são as barreiras criadas pelas línguas estrangeiras, na qual acaba dificultando próprios africanos em ter acesso a esses conhecimentos, de compreender o que foi produzido, ou seja, as vezes os africanos servem de objetos de pesquisa, mas o resultado não volta para eles, e se voltar se restringe em certos grupos, ressalta Huntundji (2008), podemos reforçar que isso afasta ainda mais esse povo das suas produções e não conseguem usufruir dela e fazer suas próprias críticas.

Diante dessa abordagem, podemos dizer que autor nos instiga a compreender que as línguas estrangeiras referidas como (inglês, francês, português, italianos, espanhol, alemão, etc.) que continuam sendo potencias dentro desse mundo que denominamos de “globalizado”. Ainda se percebe que os africanos continuam sendo coagidos a aceitar essas línguas como línguas obrigatórias dentro da academia assim como para comunicação institucional para que possam fazer parte desse meio, sendo assim, acabam por deixar as suas línguas em segundo ou terceiro plano e outros acabam desconhecendo as suas próprias línguas. E quando isso acontece, quem fica prejudicado é sempre o Homem africano. Por isso, compreendemos que a educação universal pode ser perigosa para certos grupos como no caso dos africanos que só têm direito de receber as ideias cunhados de outro lado e ainda continua tendo dificuldade de partilhar as suas ideias para outros. E isso é por falta de meios de partilhas ou a dificuldade de expressar tudo numa língua que é deles, ou as duas causas.

Dentro da problemática da língua, podemos ver isso no caso das escritas literárias africanas que na sua maioria são marcadas com escritas das línguas estrangeiras que dificulta a compreensão de próprios africanos, mas já estamos vendo mudanças um pouco lento nessa área e isso já é bom começo da quebra de paradigma. Uma vez que a literatura africana não se identifica com a língua local e este não vai se identificar diretamente com o público alvo, é o que acontece muitas vezes com as literaturas voltadas para África e que se trata dos africanos.

Por outro lado, podemos trazer a questão da religião que também foi umas das bases específicas de cada grupo social e que foi considerado universal diante dos olhos da colonização, na qual foi alimentado por muitos anos a negação das religiões das matrizes africanas. Durante esse processo foi se criando a dualidade das coisas e a religião não ficou de fora, religião africana denominado de satânica de um lado e religião ocidental

denominado de salvação. Podemos perceber essa dicotomia deu-se início na época colonial na qual as culturas africanas são classificadas a partir de ponto de vista dos colonizadores como sendo tradicional (satânica) e dos colonizadores é de salvação e deve ser seguido por todos (universal). Vale ressaltar que a religião foi usada como um dos pontos principais da civilização que justificava a colonização.

Assim como descreve Hernões (2016) quando se debruça sobre a dualidade do termo moderno e tradicional, podemos perceber a partir da sua narrativa que o discurso que classifica as práticas das sociedade africanas já não se justifica, pois não passa de discurso de empregar o medo e a dominação, por outro lado, autor aponta que é necessário prestar atenção nesses discursos, ou seja, nos mostra que podemos reverter o discurso, na qual questiona, “ quem diz que o moderno não é o tradicional nas sociedades ocidentais”, questão a pensar, a final o que significa tradicional se todo que é moderno é tradicional, isso nos leva a compreender que o tradicional é que sustenta a base de uma sociedade, ou seja, é alicerce e tudo indica que todos os grupos sociais têm isso.

Podemos perceber que, as religiões africanas são denominadas de religião tradicional africana, ou seja, foi denominado de “tradicional” porque foi dado o significado de o que não possui fundamento logico ou descrição histórica. Sendo assim, pode-se entender a partir da narrativa de Akrong (2016) onde mostra que, o entendimento dos europeus com relação a cultura e religião africana se deu a partir do início da colonização e podemos perceber que é umas das estratégias de dominação. Por outro lado, é relevante acentuar que os europeus entendiam que a sociedade africana não tinha a história e eles tinham essa missão de escrever essa história e acabam descartando as memórias vivas que sustentava a civilização desse povo.

De acordo com Akrong (2016, p.626), “tanto os missionários quanto os administradores coloniais compartilhavam esta mesma visão iluminista da humanidade que considerava os não europeus selvagens, primitivos (...)”. Isso mostra que todos estavam empenhados em matar homens e mulheres africanos até os missionários que juram ajudar os próximos, será que os africanos na época não são gentes/próximos. Porém, é importante ressaltar que desfazer uma pessoa das suas crenças que é construída de geração a geração é como se fosse tirar a sua alma e este deixa de ser o que erra e passa a viver outro, ainda acrescenta o autor, que a religião africana é denominada de “demoníaco”, os que não possuem crença num só deus, mas quem pode afirmar que os africanos não acreditam no um ser superior.

Ainda podemos ver a reprodução da lógica europeia no comportamento dos africanos naqueles que se consideram assimilados, quer dizer os que buscam viver como os europeus, desde os modos de se comunicar, de educar, de se apresentar na sociedade e que aceitam um Deus único que é profetado pelos europeus, consequência disso é que, esses (os assimilados) não querem mais saber das suas culturas e tradições, e nem todos é que conseguem desfazer as suas crenças locais e isso é que alimenta por enquanto essas comunidades, ainda podemos apontar que esse entendimento de o ser assimilado afasta ainda mais os africanos das suas realidades cultural e vão continuar pensando como europeus enquanto são africanos, no entanto, podemos refletir o seguinte, o que está por trás de aceitar a ser assimilado e porquê que os europeus recusam o modo de ser e estar africano na época.

Entretanto, podemos dizer que com a colonização e pós-colonização o “Ser” africano não é mais ser africano na sua essência na maioria dos casos, por um lado, pode-se dizer sou africano, por outro lado para ser gente tem que se incorporar outra civilização, ou seja, estamos vivenciando um paradoxo na sociedade e na diáspora africana, na qual os africanos se identificam como africanos e vivem os costumes europeus. Isso é por medo de não serem vistos como pessoas ou por que os africanos optarem de ser como europeus porque já perderam a crença de viver como africanos porque não têm nada a ganhar com isso diante da globalização e acabam menosprezando sua civilização.

Como diz provérbio africano, que tudo que existe no mundo tem a sua razão da existência e o que precisa ser feito é procurar o seu equilíbrio, nesse caso, vimos que o corpo e mente africana não estão mais em equilíbrio desde época de colonização e podemos perceber que isso mais com a pós-colonização diante dos desafios da modernidade impostos a eles, os desafios de fruto de um projeto político específico que é partilhado para todos sem levar em conta as especificidades históricas, sociais e culturais de cada continente e País.

Sendo assim, pode-se perceber que os rastros da colonização continuam perseguindo a África e a mente dos africanos por meios da política neocolonial, da qual elabora projetos universais e condiciona os países a aceitar os preceitos desses projetos e assim alguns países continua com as vendas nos rostos por aceitarem as migalhas em nosso da necessidade econômica sem pensar nas consequências que o seu povo vai ter que enfrentar no período de longo prazo.

### **3 - POLITICAS NEOCOLONIAIS VERSO GLOBALIZAÇÃO E AS POLÍTICAS PÚBLICAS EM ÁFRICA**

Diante dos fatos, podemos perceber que grandes problemas da África fazem parte da agenda da política neocolonial, se paramos para pensar na profundidade dos problemas atuais em África, vamos constatar que são consequências do neocolonialismo o que podemos designar da continuidade da colonização. No entanto, o mundo tem enfrentado o problema de neoliberalismo desde a nova era que se denomina de revolução industrial, da qual a África não ficou de fora do centro dessa revolução, nesse caso, o que acontece no caso do continente é o neocolonialismo que se deu a partir da segunda revolução industrial, que teve consequência a partilha do continente pelas potências coloniais.

Nesse caso, podemos questionar quais são interesses dos que estão por de traz da partilha não só do território africano, mas do próprio povo.

Podemos perceber o jugo de neocolonialismo nas novas formas de organização institucional, social, religiosa e até cultural em África, porém a justificativa dos europeus de continuar persistindo no território africano que as leva na partilhas desse território, continua sendo a “missão civilizatória”, é evidente que essa justificativa não é só vista como a negação da existência da vida culto no território africanos, mas também é de sempre uma farsa de exploração de recursos humanos e naturais que são a mais valiosas desse continente.

Sendo assim, podemos apontar para várias situações em que a política neocolonial continua refletindo e criando consequências prejudiciais para África e para os africanos. Nesse caso, trazemos a problemática da educação e do currículo nos ensinamentos nas escolas em África, precisamente na África lusófona da qual temos privilegio de analisar e podemos apontar para a descrição de Verger (2019) onde mostra a importância da educação para qualquer sociedade,

a educação é uma área fundamental para que os governos demonstrem para comunidade internacional que estão construindo um Estado moderno. Os estudiosos da Sociedade Mundial têm validado sua tese de forma empírica, mostrando, por exemplo, que a expansão escolar nos países africanos não tem sido tão relacionada ao seu nível de desenvolvimento, de industrialização ou de urbanização, mas o quão perto esses países têm estado de poderes Coloniais e influência Ocidental (MEYER; RAMIREZ; SOYSAL, 1992a. apud VERGER, 2019, p.12).

Autor mostra que os países africanos continuam preso nas antigas potências coloniais e isso tem dificultando o alcance do nível dos seus próprios desenvolvimentos. Pode-se perceber que Ocidente doutrina o mundo e tudo que vais ser feito tem de ser

aprovado para pelos europeus, porque tem que ser assim, só porque ganharam a fama de serem os navegadores que invadiram os territórios dos povos e se apropriam deles.

Contudo, autor frisa que para o ocidente mostra que só a partir da educação que se pode desenvolver e as sociedades sentem necessidades de aprovar para o Ocidente que estão tendo o estado moderno (pensado e implementado pelo Ocidente), isso implica as outras sociedades a seguirem as mesmas normas que o Ocidente pensa e aprova de acordo com os seus modos de pensar as coisas para mundo, sem levar em conta a diversidade do mundo, como se fosse o mundo gira somente em torno de Ocidente.

Portanto, falando da educação vimos que é algo valioso desde sempre e podemos entender todas as sociedades tem os seus modos de educar e tendo em conta a nova era do mundo as sociedades africanas não vão deixar de ver a educação prioridade, mas tem de se apelar primeiro pelo seu modo de compreender o mundo, isto é, promover os conhecimentos endógenas e depois se abrir para conhecer outras realidades. Porém não pode fugir de conhecer outros horizontes de tendo em conta a demanda da globalização.

Diante dessa relação, podemos perceber que o problema se assenta no projeto da globalização do mundo moderno que as vezes se parece favorecer uma cultura e universalizar o mundo a partir dos olhares de uma civilização. A questão da globalização com relação a educação podemos trazer as narrativas de Yankah (2016) onde ressalta que,

a questão central é a da relevância, pois se a finalidade da educação for a melhoria efetiva da vida humana no planeta, o estudo deverá se preocupar com a aplicação do conhecimento para abordar as necessidades urgentes da sociedade. Essa preocupação soma-se ao conceito e à prática da globalização que, em certo sentido, impulsiona o mundo em direção a uma cultura de uniformidade, mas que, na realidade, torna-se um eufemismo para a dominação transnacional (YANKAH, 2016, p.135-136).

O autor nos mostra claro que a política educacional deveria ser pensada de acordo com “as necessidades” de cada sociedade, no entanto, quando isso não está sendo respeitada, podemos compreender que algo não está indo bem, ainda mostra que a globalização é um campo dominado pelas potencias internacional e quem são essas potencias, podemos dizer que a sua maioria é provem da Europa.

Portanto, vimos que há necessidade de impor limites a globalização, porque nem tudo é que deve ser uniformizado, o que deveria ser unificado é aceitar essência do ser humano, é respeitar o outro ser humano diferente como gente, que as vezes é desconsiderado diante das classificações hierárquicas de certos grupos sociais e dentro desse globo universal onde a lei magna designa que é um espaço para todos se expressarem sem distinções.

O que nos parece um problema urgente que merece a nossa atenção, são as formulas universal de fazer a ciência, de se apresentar (estética), de comunicar entre outras categorias que são apresentados dentro da rede. Nesse caso, vamos repisar a questão da academia, da qual todo mundo deve seguir a mesmo formula do modelo acadêmico, se continuamos a seguir as mesmas regras, de acordo com o nosso ponto de vista, algo está sendo deixado para traz como no caso das culturas não ocidentais que nos muitos caso acabam por não se identificar com as propostas educacionais que são levadas para essas sociedades, vale ressaltar, que essas formulas são baseados numa certa cultura e civilização e isso mostra ainda que controle do mundo está nas mãos das antigas potencias colônias, no caso dos africanos que muitas vezes o modelo da educação não os identificam, assim aborda Yankah (2016) que,

(...) resultado dessa dominação é a alienação da autoridade acadêmica sobre a África: a transferência para agências externas do controle sobre mecanismos pelos quais a realidade e as visões de mundo da África são definidas e ordenadas. Para os países da África e do Terceiro Mundo em geral, as questões da globalização e da produção do conhecimento no contexto da educação e da academia passaram por leituras relativamente acríicas e levaram à aplicação por atacado de qualquer tendência que se acredite ser capaz de nos tornar residentes confortáveis da aldeia global (YANKAH, 2016, p.136).

O que podemos entender que, os colonizadores se recusam deixar os territórios colonizados e de qualquer jeito querem continuar a ditar as regras do jogo. Com esse propósito é que foi criado várias organizações internacionais como “Nações Unidas” e suas pequenas e grandes organizações, da qual se apresenta com a bandeira branca que simboliza paz, harmonia entre os Países, será que as nações são unidas mesmo ou cada um continua lutando pelo seu próprio bem. Sendo assim, podemos entender que,

a organização das Nações Unidas (ONU) é uma organização internacional fundada em 1945. Atualmente é composta por 193 Estados Membros. (...) O objetivo de ONU é o de unir todas as nações do mundo em prol da paz e do desenvolvimento, com base nos princípios da justiça, dignidade humana e no bem-estar de todos (NAÇÕES UNIDAS, 2022).

O propósito das Nações Unidas é bom, mas podemos questionar quem são os mentores da criação desse Organização e quais são seus verdadeiros intensões. Assim podemos ver na descrição da Nações Unidas que “foi criada oficialmente no dia 24 de outubro de 1945, aquando da retificação da Carta pela China, França, União Soviética, Reino Unido, Estados Unidos e pela maioria dos outros signatários (...)”. a partir dessa descrição podemos constatar os mentores dessa organização e é importante saber que nunca vamos ver as verdadeiras intensões desses mentores claramente e nos resta analisar suas ações, diante disso, podemos compreender que essa organização é guiada pelas mãos invisível através dos financiamentos que ninguém sabe o valor de retorno dessas

“favores” denominado de “doações”, ora pode valer os recursos naturais, minerais, e até as transformações de recursos humanos que muitas vezes acabam se perdendo nos currículos escolares.

Se percebe que os países colonizados foram coagidos para fazerem parte dessa organização, na época como sendo uma organização que visa salvar o bem-estar de todos, e como o recém-saídos da crise da colonização com sérios problemas para resolver que outros nem sabem por onde começar, assim surgiu a boa vontade da organização internacional como Banco Mundial que fazia parte da organização das Nações Unidas, se oferecia para “ajudar” os países em crise para superarem, é importante frisar que nem todos conseguem superar e essas ajudas até então se assim podemos dizer estamos a lidar com os seus impactos.

Antes de mais, podemos compreender Banco Mundial como sendo “uma instituição financeira no âmbito internacional que disponibiliza empréstimos a países em desenvolvimento. É o maior e mais renomado banco de desenvolvimento no mundo”. Muito claro, quando se designa como sendo banco que financia os países em desenvolvimento, porquê que foi escolhido justamente os países em desenvolvimento. Não vamos negar que muitos países precisam de ajuda, mas que seja mais humanitário e não de tirar proveito.

Podemos questionar que tipo de desenvolvimento que este banco promove, sendo que todos os empréstimos tem contrapartidas que as vezes são prejudiciais para o país beneficiados, como no caso dos países dito “subdesenvolvidos” com tantos problemas para resolver não conseguem cumprir com tempo de pagamento e nesse caso, acabam perdendo o poder de decidir e pagam com os seus recursos valiosos, que pode ser, recursos naturais, humanas (no caso do currículo) que acaba afetando o modo de pensar e produzir desse povo.

Vale ressaltar que as Organizações Internacionais são controladas por alguns países que financiam o Banco Mundial que oferece “ajuda” para os países necessitados onde os Africanos não ficam de fora.

Podemos compreender a intensão da Organização Internacional como afirma Verger (2019) que,

as OIs devem ser vistas ambas como fóruns de cooperação e luta entre os países membros e os atores de políticas autônomas em si mesmos. Os estados mais poderosos geralmente tentam instrumentalizar as OIs para alinhar essas organizações com seus próprios interesses econômicos e geopolíticos (VERGAS, 2019, p.15).

Diante dessa abordagem, podemos finalizar percebendo que dentro da Organização Internacional há jogos de interesse constante, mas todos os países são convidados a fazer parte e como se os mais fortes conseguem sobreviver os fracos que se submetem, a característica de os mais fortes está acentuada na manifestação de quem possui mais os recursos econômicos sem levar em conta de onde vem esses recursos que muitas vezes os países ditos desenvolvidos capturam os recursos dos países subdesenvolvidos. Afinal quem é mais rico e quem é pobre.

No entanto, podemos voltar para a questão da língua em África, contudo podemos considerar que as línguas dos colonizadores ao mesmo tempo sendo língua oficial em África, pode ser considerado como problema para desenvolvimento da África, uma vez que a língua é considerada como componente cultural, ainda podemos perceber que este foi usado como umas das armas mais forte para dar a continuidade a colonização em África.

Entretanto, percebe-se que fator língua é umas das heranças colonial mais forte no pensamento africanos, pelo fato da vontade de homem africanos querer fazer parte do mundo globalizado como qualquer outro e se sente obrigado a saber expressar nas línguas estrangeiras isso até influência nos modos de estar.

No entanto, se a língua é considerada um dos elementos da cultura, ou seja, língua é fruto de uma construção social e cultural, é importante frisar que a cultura é que conduz um grupo, sendo assim, falar uma língua isso significa que está a reproduzir uma cultura de uma forma consciente ou inconscientemente, porque passam a compreender as coisas a partir da realidade dessa língua e para integrar nessa comunidade e é obrigada a adotar os modos comportamentais desse grupo, passa a consumir o que é produzido a partir dali a fim de se integrar.

Como podemos perceber, quando isso acontece com alguém, este é obrigado a deixar uma coisa passar para poder agarrar na outra, como no caso da língua que são ensinadas nas escolas que são acompanhadas da literatura do País de origem dessa língua, a sua compreensão exige até o consumo cultural como a música, filme que muitas vezes tem proposito de repassar um pouco da realidade e ao consumir constantemente a pessoa para a perder gostos por outras culturas. Não estamos a dizer que consumir o que é de fora não é bom, mas isso tem que ser trabalhado conscientemente.

Entretanto, se a língua das antigas potencias coloniais são mais valorizadas dentro e fora da África e se tudo é despachado a partir dessas línguas, como se pode falar da independência total da África. Há outra questão, como é que os africanos ou África pode



se considerar autônomo se não consegue se apresentar como eles são, a partir das suas realidades culturais sem ser baseado nos costumes de outros povos.

Vale ressaltar sobre a questão do currículo importando para África que contribui para enfraquecimento dos africanos no que se refere ao reconhecimento e valorização dos conhecimentos locais o que podia lhe possibilitar a refletir sobre seus problemas e resolve-las a partir do dentro, mas o que se vê nas sociedades africanas na sua maioria são os problemas que vem de fora de uma forma invisível e ainda os africanos continuam procurando soluções a partir do exterior, este também pode ser umas das consequências que fez com que a África e os africanos não encontram ainda suas emancipações.

Podemos entender que currículo é uma guia de construção de conhecimento compartilhado entre os agentes de aprendizagem, isto é, instituição educacional e escolas, diretor e professor (orientador), assim os professores com os alunos ou estudantes. E muitas vezes os currículos que são implementadas nas escolas das sociedades africanos são produtos importados, assim ousamos dizer que são orientados pelas Instituições Internacionais que vem junto com o pacote dos empréstimos sem levar em conta as realidades diferentes e por isso, os resultados não são satisfatórios para africanos. E assim podemos dizer que, as novas políticas de desenvolvimento importados para África é a continuidade de colonização nesse continente e que denominamos de neocolonialismo que significa a nova política de colonizar.

Porém, é importante ressaltar a questão do currículo escolar em África como umas das políticas neocolonial. Ao analisar os conteúdos que são planejados e executados em alguns países africanos, podemos perceber que os currículos não refletem as realidades das sociedades africanas e se for será uma percentagem muito baixa, onde podemos perceber que esses currículos são na sua maioria eurocêntrica, que significa as questões propositadas para lecionar é importado e não corresponde na sua maioria com as realidades sociais e culturais africanas, na qual os estudantes ou alunos não conseguem se identificar com o conteúdo.

Diante disso, ainda Huntundji (2008) explica que, é necessário que os acadêmicos africanos procurem ter “autonomia e autoconfiança” do conhecimento e é a partir disso que os assuntos africanos vão tomar as rédeas nos estudos africanos. E autonomia se dá a partir das propostas que se pretende estudar e nesse caso estamos a referir o currículo.

Entretanto, podemos compreender que autor se preocupa com modo de produção acadêmica, na qual acreditam que africanos podem alcançar a autonomia a partir dos conhecimentos locais e que essas produções devem ser consumidas em África. Por outro

lado, podemos acrescentar que as culturas africanas precisam ser vivenciadas e manifestada dentro do continente sendo ela representada na academia assim como nos espaços de lazer, porém a partir da relação com as culturas locais que é possível chegar à emancipação que se almeja.

Outra questão não menos importante é funcionamento da justiça e assim como aproximar dos líderes das *Tabancas, Tribos*<sup>4</sup> das políticas do desenvolvimento da África. Entretanto, o que se propõe é buscar um equilíbrio de governança dentro das sociedades africanas, e não continuar com as dualidades das coisas como foi alimentado pela teoria dos europeus. Podemos perceber que, a conhecimentos que ainda continua conservados nas tabancas que precisam ser compartilhados na cidade, como no caso dos conhecimentos que são passados de gerações em gerações, como ofícios, modo de comunicar com o próprio cosmos, e até com os cuidados com o corpo, caso de tratamento de saúde, no entanto, não se pode continuar a ver o tratamento de saúde somente com o olhar da medicina ocidental que em vez de salvar mais está produzindo mais doenças no mundo.

Podemos constatar a separação das coisas desde as independências dos países colonizados em África e o que precisa fazer é repensar nesse casamento de tradicional com moderno, de conhecimento das tabancas com os de cidade, tudo indica que não vai funcionar se continuarem a administrar esse continente/país do mesmo modo, então se percebe que já é momento de quebrar com a hegemonia ocidental e criar as próprias epistemologias, como afirma Adesina (2012).

Nesse caso, para fechar trazemos o conceito de Ubuntu que deve merecer atenção especial por parte dos africanos e buscar levar esse espírito para o mundo a fim de salvar humanidade que aos poucos está fundando diante da ambição econômicas e do individualismo. Ubuntu é uma expressão que vem de sul da África que significa, um para todos e todos para um, com essa essência podemos dizer que ninguém sente sozinho e todos se compartilham, isto é, ter espírito de cuidar de um com outro sem distinção da cor, raça, etnia ou classe social o que prevalece é fator de todos serem o Ser Humano.

## CONCLUSÃO

Diante de toda problemática apresentada, onde apresentamos as abordagens dos pesquisadores do estudo africano, podemos concluir que diante de toda a narrativa o que

---

<sup>4</sup> É o nome africano que pode significar aldeia, região, zona rural.

buscamos apontar como foco é para que a África agarre nos problemas endógenas para que possa proporcionar o desenvolvimento que vai colocar o africano no centro, e para que isso aconteça vimos que é necessário proporcionar os mecanismos e as ferramentas que possam instigar a autonomia do pensamento africano, e isso pode acontecer por meio das produções de conhecimentos locais, assim como, promover a cultura e fez com que essas culturas sejam conhecidas, valorizadas e preservadas, trabalhar a oralidade das escolas, trabalhar os valores da base social e cultural africanos nas famílias, etc.

Diante todos os problemas do continente podemos ver que, a maioria é motivado pelo poder político, sendo assim, esse problema deve ser trabalhado na base da sociedade o que nos leva a dar importância a educação familiar e a academia, ou seja, a estrutura social precisa ser remodelada, na qual as crianças e jovens devem ser aconselhados a viver conscientes e livres, respeitando os valores da base social e cultural africano.

Por outro lado, os intelectuais africanos têm responsabilidade de mudar o cenário em África, porém, não podem continuar a conformar com os paradigmas eurocêntricos, e vimos que os estudiosos e os mais velhos da sociedade/da família têm certas responsabilidades para com a sociedade africanos, porque a produção, formação e conscientização são capazes de formar homens novos e a sociedade africana tem muita coisa a oferecer para o mundo, mas primeiro é preciso capacitar a própria sociedade.

No entanto, acredita-se que isso não será um projeto fácil de se realizar, mas se houver engajamento de cada um este pode se concretizar com o tempo, bem como se sabe, durou vários séculos de colonização e assim também pode durar vários anos para destruir o que a colonização implantou e é visível que a colonização continua deixando sequelas em África e nos africanos, sendo assim, o importante é não encarar o projeto de desenvolvimento da África para africanos como algo impossível, mas como um projeto onde todos devem trabalhar com espírito de africanidade.

## BIBLIOGRAFIA

ADESINA, Jimi. **Práticas da Sociologia Africana: Lições de endogeneidade e gênero na academia**, IN: Como fazer ciências sociais e humanas em África: Questões Epistemológicas, Metodológicas, Teóricas e Políticas. Org. SILVA, Teresa Cruz, COELHO, João Paulo Borges e DE SOUTO, Amélia Neves, CODESRIA, Senegal, 2012.

AKRONG, Abraham. **A religião tradicional africana e cristianismo: continuidade e descontinuidade**, In: Resgate das Ciências Humanas e das Humanidades através de Perspectivas Africanas, Vol. I, Brasília, 2016.

Banco Mundial, **Uma Associação para o Progresso de Meio-Ambiente: O Banco Mundial na América Latina e no Caribe**. Washington, D, C.: Banco Mundial, 1994. Acesso em: 15/05/2022

HERNÊS, Per. **O “tradicional” e o “moderno” na África Ocidental**, IN: O Resgate das Ciências Humanas e das Humanidades através de Perspectivas Africanas, org. LAUER, Helen e ANYIDOHO, Kofi. Brasília, FUNAG, p.1259-1284, 2016. Sociais, 2008.

HAMPATÉ BÂ, Amadou. **Tradição viva**. In: História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África/ editado por Joseph Ki-Zebro. – 2. Ed. rev. – Brasília: UNESCO, cap.8, 2010.

HOUNTONDJI, Paulin J.; **Conhecimento de África, conhecimento de Africanos: Duas perspectivas sobre os Estudos Africanos**; Revista Crítica das Ciências Sociais, 2008.

VERGER, Antoni. **A política educacional global: conceitos e marcos teóricos chave**, in. Práxis Educativa, Ponta Grossa, v.14, n1, p.9-33. 2019. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa>. Acesso em: 20/05/2022

YANKAH, Kwesi. **A globalização e o acadêmico africano**, in. O Resgate das Ciências Humanas e das Humanidades através de Perspectivas Africanas, Cap. III, Vol. I, Brasília, 2016.

**Organização de Nações Unidas**. Disponível em: <https://www.dgeg.gov.pt/pt/areas-transversais/relacoes-internacionais/internacional/organizacao-das-nacoes-unidas-onu/> . Acesso em: 15/05/2022